

Sobre Papel, 1953-2025

Inauguração:
8 de Abril, 2025, às 18h

Período da exposição:
9 de abril – 17 de maio de 2025

Horário:
Ter - Sab, das 14h - 19h

Galeria Rui Freire – Fine Art

Rua Serpa Pinto 1
1200-442 Lisboa

Índice

1. Apresentação da Exposição
2. Texto Curatorial
3. Lista de Artistas e Biografias
4. Obras em Destaque
5. Informações sobre a Galeria
6. Informações para a Imprensa

i. Apresentação da Exposição

A Galeria Rui Freire – Fine Art tem o prazer de apresentar *Sobre Papel, 1953-2025*, uma exposição coletiva que reúne práticas modernas e contemporâneas em torno do papel enquanto matéria, superfície de inscrição e campo de experimentação. A exposição estará aberta ao público de 9 de abril a 17 de maio de 2025, com inauguração no dia 8 de abril, às 18h.

2. Texto Curatorial

SOBRE PAPEL, 1953 - 2025

A Galeria Rui Freire – Fine Art apresenta *Sobre Papel, 1953 - 2025*, uma exposição coletiva que investiga as múltiplas potencialidades do papel enquanto matéria, suporte e território de experimentação artística. Entre inscrição e apagamento, fragilidade e resistência, opacidade e transparência, o papel revela-se aqui não apenas como um meio de registo, mas como um espaço ativo de articulação formal e conceptual.

A exposição reúne obras de Manuel Caldeira, Jean-Charles de Ravenel, Jorge Nesbitt, Pedro Quintas, Roberto Ruspoli, Bruno Castro Santos, Hanns Schimansky, Bela Silva, Vieira da Silva e Loló Soldevilla, contando ainda com a participação especial de Pedro Casqueiro, Daniela Krtsch e Cristina Lamas. Percorrendo um arco temporal de 1953 a 2025, esta seleção de artistas evidencia a plasticidade do papel e a sua capacidade de adaptação a diferentes linguagens, práticas e gestualidades.

Longe de um mero levantamento técnico ou cronológico, *Sobre Papel, 1953 - 2025* propõe um percurso que desvenda a maleabilidade deste suporte e as suas sucessivas reconfigurações. Das composições geométricas ao traço intuitivo, da subtileza gráfica ao volume inesperado, as obras apresentadas expandem os limites do papel, integrando processos que o rasgam, dobram, sobrepõem ou desmaterializam.

Ao interrogar a relação entre matéria e conceito, manualidade e construção simbólica, a exposição desafia as noções convencionais do papel enquanto meio de expressão. Neste território de constante transformação, memória e erosão coexistem, estrutura e instabilidade dialogam, e o suporte, longe de ser neutro, assume um papel dinâmico na construção do discurso visual.

Sobre Papel, 1953 - 2025 convida o visitante a experienciar o papel para além da sua fisicalidade, enquanto espaço em mutação contínua, onde gesto e matéria se encontram numa tensão permanente entre permanência e efemeridade.

3. Lista de Artistas e Biografias

Manuel Caldeira (Portugal, 1979) – O trabalho de Manuel Caldeira inscreve-se numa poética da suspensão, onde a figura e a abstração coexistem num estado de latência. As suas composições sobre papel desdobram-se em gestos interrompidos e formas que parecem emergir e dissolver-se num mesmo fluxo.

Jean-Charles de Ravenel (França, 1950) – O trabalho de Ravenel assenta na interseção entre materialidade e memória, utilizando a colagem para transformar o papel num espaço de sedimentação visual. Através de sobreposições, rasgões e vestígios gráficos, o artista constrói narrativas fragmentadas que sugerem uma arqueologia do efémero, onde cada camada funciona como um eco do tempo.

Jorge Nesbitt (Portugal, 1972) – O trabalho de Jorge Nesbitt situa-se na confluência entre imagem e narrativa, combinando referências pictóricas e literárias de forma inesperada. Nas suas obras sobre papel, elementos tradicionais e rupturas visuais coexistem, criando composições dinâmicas onde a ironia e o jogo de significados desafiam a perceção do observador.

Pedro Quintas (Portugal, 1972) – O trabalho de Pedro Quintas desenvolve-se na interseção entre a espontaneidade do gesto e o rigor da estrutura. O papel, mais do que um mero suporte, assume um papel ativo na construção de espacialidades ambíguas, onde a redução formal e a economia de meios criam um jogo subtil entre materialidade e ilusão de volume.

Roberto Ruspoli (Itália, 1972) – Ruspoli resgata a solenidade da tradição clássica e reinscreve-a no contemporâneo através do papel. Os seus trabalhos evocam a linguagem do afresco, mas transpostos para uma superfície de transitoriedade, onde a monumentalidade se encontra com a fragilidade do suporte.

Bruno Castro Santos (Portugal, 1972) – A prática de Castro Santos assenta na exploração dos contrastes lumínicos e na relação entre opacidade e transparência, transformando o papel num espaço de contemplação e transcendência. Através de um delicado equilíbrio entre presença e ausência, luz e sombra, a sua obra revela uma dimensão quase espiritual, onde a matéria parece dissolver-se num jogo subtil de vibrações e silêncios.

3. Lista de Artistas e Biografias

Hanns Schimansky (Alemanha, 1949) – O desenho assume um papel primordial na obra de Schimansky, que opera sobre o papel como um território de variações rítmicas e repetições moduladas. As suas composições surgem de um processo de acumulação e desdobramento, onde cada linha ecoa a pulsação de um tempo expandido.

Bela Silva (Portugal, 1966) – A obra de Bela Silva articula uma exuberância cromática e formal que transforma o papel num campo de gestualidade expansiva. A sua prática convoca referências clássicas, reconfigurando-as através de uma abordagem vibrante e intuitiva, onde elementos orgânicos e fragmentos narrativos se cruzam em composições dinâmicas. Texturas sobrepostas e gestos expressivos evocam tanto a fluidez do barroco como a solidez da tradição cerâmica, criando um diálogo entre passado e presente, matéria e evocação.

Maria Helena Vieira da Silva (Portugal, 1908-1992) – Mestre da abstração lírica, Vieira da Silva explorou o papel como um espaço de experimentação para as suas arquiteturas visuais. Os seus trabalhos sobre papel traduzem uma visão espacial inquieta, onde a cidade, a memória e o labirinto se entrecemem em tramas pictóricas densas.

Loló Soldevilla (Cuba, 1901-1971) – Figura fundamental do concretismo cubano, Soldevilla usou a colagem para subverter as convenções da composição pictórica. Os seus trabalhos sobre papel são campos de energia geométrica, onde a cor e a estrutura operam em tensão permanente.

Pedro Casqueiro (Portugal, 1959) – Pedro Casqueiro inscreve-se numa tradição da abstração que interroga os limites da pintura e do desenho. A sua obra sobre papel investiga o poder da repetição e da variação cromática, onde cada composição se apresenta como um ensaio sobre ritmo e deslocamento.

Daniela Krtsch (Alemanha, 1972) – O universo pictórico de Krtsch parte da evocação da memória e da atmosfera cinematográfica. As suas obras sobre papel, pautadas por uma paleta contida e um jogo subtil entre presença e apagamento, sugerem narrativas interrompidas que habitam a fronteira entre o visível e o latente.

Cristina Lamas (Portugal, 1968) – Cristina Lamas trabalha o papel como um campo de minúcia e profundidade, onde o gesto delicado adquire um carácter estrutural. A sua obra evoca o tempo e a paisagem, capturando na fragilidade do suporte uma densidade quase táctil.

4. Obras em Destaque



Maria Helena Vieira da Silva

Les Loges, 1953

Guache sobre papel

37 x 45,5 cm

© Artista, Cortesia Galeria Rui Freire - Fine Art, Lisboa

Photo: António Jorge Silva



Bela Silva

Souvenirs d'un jardin rêvé, 2025

Guache sobre papel

90 x 110 cm

© Artista, Cortesia Galeria Rui Freire - Fine Art, Lisboa

Photo: António Jorge Silva



Loló Soldevilla

Formas Elementales nº 16, 1954

Guache e colagem sobre papel

38 x 46 cm

© Artista, Cortesia Galeria Rui Freire - Fine Art, Lisboa

Photo: Bruno Lopes





Manuel Caldeira

Souvenirs d'un jardin rêvé, 2025

Guache sobre papel

90 x 110 cm

© Artista, Cortesia Galeria Rui Freire - Fine Art, Lisboa

Photo: António Jorge Silva



Jean-Charles de Ravenel

Black Squares, Suprematism, 2023

Colagem sobre papel

85 x 65 cm

© Artista, Cortesia Galeria Rui Freire - Fine Art, Lisboa

5. Informações sobre a Galeria



Fundada e dirigida por Rui Freire, a Rui Freire – Fine Art é uma galeria sediada em Lisboa, dedicada à arte do pós-guerra e contemporânea. Com uma visão curatorial que alia refinamento estético, profundidade cultural e acuidade estratégica, a galeria é reconhecida pela colocação de obras de qualidade museológica junto de colecionadores privados exigentes, instituições e apreciadores de arte a nível internacional. Representa tanto artistas portugueses como internacionais, promovendo um diálogo dinâmico e consciente entre movimentos historicamente significativos e as práticas artísticas mais pertinentes da atualidade.

Fundada em 2018, a Rui Freire – Fine Art assenta na experiência sólida de Rui Freire enquanto diretor (2008–2019) e, posteriormente, sócio da prestigiada galeria Jeanne Bucher Jaeger, em Paris — uma instituição centenária cuja herança de excelência, rigor e discrição continua a inspirar os princípios e a identidade da galeria.

Desde 2019, a galeria colabora com a organização americana Parley for the Oceans, dedicada à sensibilização ambiental através da arte. Esta parceria tem apoiado intervenções artísticas de grande escala com artistas internacionalmente consagrados, como Katharina Grosse, Vik Muniz, entre outros.

6. Informações para a Imprensa

SEM TITULO, 1953-2025

8 Março - 17 Maio, 2025

MANUEL CALDEIRA
JEAN-CHARLES DE RAVENEL
JORGE NESBITT
PEDRO QUINTAS
ROBERTO RUSPOLI
BRUNO CASTRO SANTOS
HANNS SCHIMANSKY
BELA SILVA
VIEIRA DA SILVA
LOLÓ SOLDEVILLA
PEDRO CASQUEIRO
DANIELA KRITSCH
CRISTINA LAMAS

© the artist, 2025, Cortesia Rui Freire - Fine Art, Lisboa

**Para solicitar mais imagens de obras, vistas da exposição
ou outros complementos de informação contactar:**

Isabella Noronha
isabella@rui-freire.com
T. +351 213 461 525

Horário: Ter-Sab, 14h-19h
(outros horários por marcação)

info@rui-freire.com
www.rui-freire.com



